

# Trânsitos contemporâneos: o ir e vir de emigrantes brasileiros(as) rumo à Europa<sup>1</sup>

## *Contemporary transits: the coming and going of Brazilian emigrants to Europe*

GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS

### RESUMO

Nesse início de século XXI, a ampliação do fluxo migratório de homens e mulheres rumo ao estrangeiro tem colocado novas questões e problemas para aqueles que vivenciam a experiência de conviver entre dois lugares — o Brasil e os vários locais de destino dos emigrantes brasileiros. Este artigo pretende analisar o ir e vir de emigrantes brasileiros entre o Brasil e a Europa, configurando um campo de relações transnacionais. Pretendo analisar, a partir de uma pesquisa etnográfica que envolveu observação participante e entrevista com migrantes e seus familiares, as trajetórias de mulheres migrantes e seus projetos migratórios entre ir permanecer na Europa ou voltar ao Brasil e como isso impacta as suas relações familiares e de gênero. Nesse cenário, os(as) brasileiros(as) se inserem num ir e vir entre a Europa e o Brasil que nos coloca a questão de compreender os novos arranjos familiares, as reconfigurações nas relações de gênero e os afetos que impactam a vida dos migrantes nesses trânsitos contemporâneos.

**Palavras-chave:** Brasileiros na Europa; Mulheres imigrantes; Gênero e migração.

---

<sup>1</sup>Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no Congresso *Latin American Studies Association*. Agradeço os comentários de Ana Cristina Braga Martes, Maxime Margolis e aos colegas do Painel realizado onde foram discutidos os textos.

## ABSTRACT

At the beginning of the 21st century, the expansion of the migratory flow of men and women abroad has posed new questions and problems for those who experience of living between two places — Brazil and the various destinations of Brazilian emigrants. This article intends to analyze the coming and going of Brazilian emigrants between Brazil and Europe, forming a field of transnational relations. I intend to analyze, from an ethnographic research that involved participant observation and interview with migrants and their families, the trajectories of migrant women and their migratory projects between going to, staying in Europe or returning to Brazil and how it impacts on their family and gender relations. In this context, Brazilians are inserted in a movement between Europe and Brazil, which raises the question of understanding the new family arrangements, the reconfigurations in gender relations and the affects that influence the lives of migrants in these contemporary transits.

**Keywords:** Brazilians in Europe; Female immigration; Gender and migration.

## INTRODUÇÃO

O Brasil construiu, ao longo do século 20, uma autoimagem de um país de imigrantes devido às levas de imigrantes que chegaram do final do século XIX até meados dos anos de 1930. Após esse período, ocorreu uma diminuição das imigrações internacionais devido a políticas migratórias que não privilegiavam mais a migração internacional. Na década de 1960, os brasileiros iniciaram um fluxo esporádico rumo aos Estados Unidos como trabalhadores temporários direcionado para a região da Nova Inglaterra.

Nas décadas de 1960-70, muitos brasileiros emigraram para o exterior. Alguns forçosamente, tornando-se exilados políticos da ditadura militar<sup>2</sup>; outros como trabalhadores imigrantes temporários nos Estados Unidos. Embora diferente do exilado político, que vive a condição de “expatriado sem lugar” (COSTA et al, 1980) e não podia retornar quando desejasse ao país, havia, em ambos os casos, a perspectiva da volta. Neste contexto, estas migrações poderiam ser classificadas como temporárias (ASSIS, 1999). Esta característica temporária da emigração, bem como a pequena relevância numérica deste fluxo, inicialmente não chamou a atenção nem das autoridades brasileiras nem de estudos acadêmicos, pois o Brasil não possuía tradição emigratória. A emigração de brasileiros tornou-se uma questão relevante quando o que era um movimento esporádico para o exterior transformou-se num fluxo migratório.

Esse novo movimento de população brasileira tem sido objeto de vários estudos<sup>3</sup>, desde meados da década de 1990, que procuram compreender características da população migrante,

---

<sup>2</sup> Para uma reflexão sobre as experiências de exílio como processos de deslocamento, ver Rosalen (2015).

<sup>3</sup> Margolis, (1994), Sales (1999a), Martes (2000), Machado (2006), Cavalcanti (2007), Assis (2011), Siqueira (2009).

percursos migratórios, configuração de redes sociais, a questão da identidade, dentre outras questões que revelam não apenas a importância do tema, mas também o impacto da migração internacional na vida cotidiana das cidades de onde parte um número significativo de migrantes.

Na virada dos anos 2000, consolida-se o ir e vir entre os Estados Unidos e algumas cidades brasileiras e ampliaram-se os locais de destinos dos brasileiros. Homens e mulheres se dispersaram pelo mundo em busca de melhores condições de vida e de oportunidades, como revelam seus relatos, configurando um novo movimento na população brasileira. Conforme demonstram os estudos de Margolis (1994, 2013), Assis (1999) Sales (1999a), Martes (2000, 2011), Patarra (2005), Bógus e Bassanezi (1998), Martine (2005), Siqueira (2009), esse movimento iniciou-se na década de 1960, em algumas cidades do país, mas foi a partir da década de 1980 e início dos anos 1990, num contexto de crise econômica e política no Brasil, que os brasileiros, de camadas médias urbanas, buscaram oportunidades de mobilidade fora do país. Tais movimentos populacionais inseriram o Brasil na globalização fornecendo trabalhadore(as) para o mercado de trabalho secundário (SALES, 1999b).

Dessa forma, algumas cidades no Brasil iniciaram um processo que conectou processos locais com contextos globais, através do processo de migração internacional. Com a melhoria dos transportes e das comunicações, o barateamento das viagens e a maior circulação de informações, a migração internacional torna-se uma alternativa para camadas médias da população e também para grupos populares, conforme as informações e redes sociais vão se consolidando em algumas localidades no país, que veem nesse processo uma possibilidade de mobilidade social, de escapar da pobreza, de, em alguns contextos, romper padrões familiares e de gênero ou ainda de viver novas experiências.

Assim como outros imigrantes internacionais, os brasileiros e brasileiras partem com o sonho de trabalhar, juntar dinheiro, fazer investimentos e, em algum momento, retornar para o Brasil, num projeto migratório que podemos chamar de econômico, familiar e afetivo (ASSIS,1999), pois envolve os que partem e os que ficam no projeto migratório. Os emigrantes brasileiros, ao se inserirem no fluxo internacional de mão de obra, passaram a fazer parte de um mercado que integra áreas remotas em circuitos de mobilidade de longa distância. Segundo Castles (2005), a integração global cria pressões econômicas, políticas, culturais e sociais que convergem no sentido de reforço das migrações a despeito da maior vigilância de controle das fronteiras, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. As migrações tendem a se intensificar, pois são sustentadas por redes sociais que, à medida que os migrantes se instalam e formam

comunidades, podem “puxar” outros migrantes e colocar novas práticas e vivências culturais para as sociedades de emigração.

Ao longo dos anos 1990, o fluxo de emigração brasileira se intensificou — espalhando-se por outros países — articulado e fomentado por redes sociais que se construíram ao longo do processo migratório. Tais redes conectam aqueles que partiram e aqueles que ficaram, num intenso fluxo de informações, bens e recursos entre aqueles que ajudaram os que pretendiam migrar, ao mesmo tempo em que construíam naqueles que ficaram a expectativa do retorno. Essas redes migratórias tornam-se a base para a formação de comunidades transnacionais, cujos membros têm parte de existência social vivenciada simultaneamente em mais de um país, como é o caso de algumas cidades no Brasil que construíram conexões entre as localidades de origem e os pontos no destino.

Esse espraiamento da migração para a Europa está relacionado, por um lado, às dificuldades de obtenção de vistos para os Estados Unidos, após os atentados de 11 de setembro de 2001, e por outro à crise financeira que se inicia naquele país em 2008, o que levou muitos emigrantes a considerarem os países da Europa como destino. Por outro lado, há uma intensificação de outras estratégias de mobilidades, como o caso dos estudantes e dos descendentes de imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX e cuja terceira ou quarta geração consegue, com a cidadania, trabalhar legalmente na Europa. É o caso de descendentes de imigrantes italianos e alemães.

Esse artigo pretende compreender o espraiamento da migração de brasileiros rumo à Europa, tendo Portugal como um dos principais destinos, analisando o ir e vir entre Portugal, o Brasil e outros países na Europa. Procura ainda analisar como, nesse ir e vir, gênero e afetos são vivenciados e negociados por mulheres migrantes. Para esse artigo, trabalharei com os depoimentos de mulheres migrantes.

Os dados que serão apresentados resultam de pesquisas de campo realizadas em Lisboa, Londres e algumas cidades na Itália que receberam significativo número de imigrantes brasileiros, destacando-se nesse movimento o incremento do número de mulheres migrantes. Para além de reconstruir o ir e vir dos brasileiros, que sugere uma circularidade migratória na qual se inserem mulheres e homens, busco compreender a reconfiguração de laços afetivos e familiares nesse processo entre o Brasil e a Europa, tendo como um dos principais destinos Portugal<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Este artigo apresenta dados preliminares do projeto de pesquisa de meu pós-doutoramento desenvolvido em Lisboa, no ISCTE, sob supervisão de Beatriz Padilla, com o título “Estar aqui, estar lá: novas configurações familiares e afetivas na migração de brasileiros para Portugal na segunda leva de emigrantes do século XXI”,

## **I - A EUROPA COMO DESTINO DE EMIGRANTES BRASILEIROS NOS ANOS 2000 – EM BUSCA DE OPORTUNIDADES**

A emigração de brasileiros para Portugal inicia-se como um fluxo de migrantes qualificados profissionais da área de *marketing*, dentistas e trabalhadores do setor de informática que migram para trabalhar em Portugal (FELDMAN-BIANCO, 2002; MACHADO, 2006, BÓGUS, 2007, PEIXOTO E FIGUEIREDO, 2007). Segundo os autores, a primeira fase da migração brasileira, geralmente apontada entre as décadas de 1980 e 1990, foi caracterizada principalmente pela movimentação de indivíduos com qualificação.

Ao longo dos anos 1990, há uma intensificação desse movimento e uma diversificação do perfil do grupo migrante. Esta é considerada a segunda fase migratória, que se caracteriza pela inserção de indivíduos menos qualificados e com condições laborais mais precárias, inserindo-se no setor de serviços e na construção civil. Esta segunda leva de brasileiros, de acordo com os autores, é quantitativamente superior, em termos absolutos, à primeira.

Nesse movimento, há também um aumento expressivo do número de mulheres que migram sozinhas ou fazem parte de uma estratégia familiar, embora também ocorram os processos de mulheres que migram com maridos ou os pais. Estas se inserem no setor de serviços domésticos como babás ou faxineiras, na área de estética como manicures, cabeleireiras ou depiladoras, como cuidadoras de idosos e no mercado do sexo. Por fim, cabe destacar que as mulheres brasileiras vivenciam um processo de exotização e sexualização que, se por um lado cria oportunidades no mercado de trabalho, por outro gera discriminação e preconceito ao associar a imagem de mulher brasileira com a prostituição<sup>5</sup>. Há uma representação sobre a mulher brasileira que produz uma associação entre gênero e nacionalidade ocorrendo uma sexualização da mulher brasileira que relaciona “características” (sensualidade, alegria, simpatia) com a inserção no mercado do sexo, o que gera discriminação em relação às imigrantes brasileiras em Portugal e em outros países europeus.

A intensificação do fluxo, na virada dos anos 1990 para o início dos anos 2000, representou também uma modificação do perfil de classe, raça e gênero. A migração expressiva de brasileiros para Portugal — conhecida como segunda vaga de migrantes — apresenta um

---

projeto que integra as atividades do GOVDIV ([Multilevel Governance of Cultural Diversity in a Comparative Perspective: European Union – Latin America](#)). A segunda etapa dessa pesquisa será desenvolvida no Nepo/Unicamp, sob supervisão de Rosana Baeninger. Agradeço aos diálogos e debates realizados que possibilitaram as reflexões aqui desenvolvidas.

<sup>5</sup> Ver Pontes (2004), Padilla (2007a), Fernandes (2008), e Frangella (2013).

perfil de classes médias e médias baixas e de escolarização mais baixa (MACHADO, 2006; PADILLA e ORTIZ, 2012).

Com relação à documentação, esse fluxo, se caracterizava no final da década de 1990, como um movimento de trabalhadores indocumentados. Essa situação se modificou no início do ano 2000 com um acordo assinado a 11 de julho de 2003. Conhecido nos meios brasileiros em Portugal como “acordo Lula”, previa a legalização de todos os brasileiros que entraram em Portugal até à data da assinatura do protocolo e que tinham um contrato de trabalho válido<sup>6</sup>. O “acordo Lula” diminuiu de maneira significativa a incidência de imigrantes indocumentados em Portugal e tornou esse país uma porta de entrada para os emigrantes brasileiros rumo à Europa.

A crise financeira que havia se iniciado em 2008 nos Estados Unidos atravessou o Atlântico, chegando rapidamente à Europa, que sofreu uma forte queda do produto interno bruto (PIB), tendo como consequência a recessão econômica e o aumento do desemprego. Em Portugal, a crise adquiriu contornos próprios, pois antes da crise econômica europeia o país já vivenciava um processo de queda de crescimento econômico e aumento do desemprego. Assim, quando a crise chegou à Europa, em Portugal, num contexto de economia mais vulnerável, os índices de desemprego aumentaram significativamente, atingindo particularmente a população migrante. Conforme destacaram Nunan e Peixoto (2012, p. 236),

O desemprego também registrou um aumento súbito, passando de um valor de 7,6% em 2008 para uma taxa de 10,8% em 2010. O último dado publicado revela uma taxa de 14,8% em janeiro de 2012. Um dos setores mais afetados pela crise foi o da construção civil, setor em destaque nas ocupações dos imigrantes [...]. Por isso, não espanta que a taxa de desemprego dos estrangeiros residentes em Portugal ainda tenha aumentado de forma mais brutal. Em 2010, a taxa de desemprego dos estrangeiros atingia os 18,8%, e esse valor aumentaria se se considerassem apenas os estrangeiros não comunitários.

Até meados da primeira década dos anos 2000, os brasileiros se tornaram o grupo mais representativo de imigrantes em Portugal. Estes foram atraídos por uma legislação que possibilitava regularização, pelas redes migratórias informais e também por um mercado de trabalho aquecido que absorvia esses fluxos. Com a crise econômica de 2009, observou-se uma

---

<sup>6</sup> Segundo Padilla (2007b), o “acordo Lula” foi assinado juntamente com outros dois acordos bilaterais, e é provavelmente o mais famoso e de grande impacto para os brasileiros. Para a autora, a inovação nesse acordo é que foi um processo de regularização extraordinária para um grupo específico de imigrantes. Embora o processo tenha contribuído para a legalização da condição de milhares de brasileiros, muitos que se registraram no período não conseguiram comprovar todos os documentos solicitados e não tiveram seus estatutos migratórios regularizados.

queda e diminuição de imigração, segundo dados do Serviço de Estrangeiros (SEF), o que pode observado pelo movimento de retorno de imigrantes brasileiros (PADILLA e ORTIZ, 2012). Segundo os dados do SEF, ocorreu uma diminuição da população estrangeira residente em Portugal. Apesar dessa redução, os brasileiros continuam sendo a principal comunidade estrangeira no país, com 82.590 cidadãos. Com a crise financeira em Portugal, em 2010 e 2011, ocorreu um movimento significativo de retorno de emigrantes brasileiros ao país. Por outro lado, devido ao fato de muitos brasileiros terem permanecido desempregados, grande número perdeu a autorização de permanência que lhe permitia ficar em condição regular em Portugal, voltando à condição de imigrantes indocumentados.

O retorno de emigrantes ocorreu num contexto em que o Brasil aparecia no cenário econômico internacional como um país em crescimento econômico, no qual a crise mundial ainda não fazia surtir seus efeitos. O país vivenciava período de pleno emprego e dos investimentos na Copa do Mundo de 2014 e nas Olimpíadas de 2016 e atraía não só os brasileiros retornados, como também migrantes internacionais (PATARRA e FERNANDES, 2011). Nesse período, entre 2008 e 2014, muitos emigrantes retornaram ao Brasil ou emigraram para outros países europeus, como a Inglaterra.

## **II - O RETORNO AO BRASIL NOS ANOS 2000 – O ENCONTRO COM A CRISE E A REEMIGRAÇÃO PARA A EUROPA**

Migrar é um projeto que envolve aqueles que partem e os que ficam numa complexa rede de relações, mantida a distância e que configura laços transnacionais (ASSIS, 1999). O percurso migratório imaginado envolve, para grande parte dos imigrantes, partir, juntar os recursos necessários para realizar o projeto migratório, comprar uma casa, um carro ou montar um negócio e retornar. Esse era o projeto migratório no sentido de plano imaginado de migração, uma migração que era pensada como temporária para uma parcela significativa dos brasileiros que partiram nos anos 1990 e ainda era projetada como temporária por muitos brasileiros nos anos 2000. Ou seja, o projeto de retornar fazia parte dos planos de muitos daqueles que partiram. Como afirma Sayad (2000), o retorno faz parte do projeto migratório, um retorno que muitas vezes não se realiza e que marca, na sociedade de origem, o sentimento de ausência. Para Sayad, o retorno é constitutivo do projeto migratório e encerra o “paradoxo da migração”, pois o mesmo sujeito encerra as duas condições — a de emigrante e imigrante. Dessa forma, para o autor, o retorno “está intrinsecamente circunscrito à denominação e ideia de emigração e imigração. Não

existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures” (SAYAD, 2000, p.11).

Ao longo desses mais de 50 anos de migração de brasileiros para o exterior, os projetos de retorno se configuraram em vários momentos da experiência migratória dos sujeitos. Desde que se iniciou o fluxo de brasileiros rumo aos Estados Unidos e Europa, o projeto de retorno fazia parte do sonho de migrar, pois é no local de origem que os migrantes têm seus laços, seus afetos e também é no país de origem que podem vivenciar o reconhecimento de sua experiência migratória, o “sucesso ou o fracasso migratório”, conforme Siqueira (2009), ou o desencanto, o sentimento de estar fora do lugar e de se sentir estrangeiro em sua própria casa (CAMPOS, 2003). Voltar é mais difícil que partir, dizem sempre os imigrantes em diferentes contextos, conforme Assis (1999) e Siqueira (2009).

Conforme afirma Margolis (1994, 2001), analisando brasileiros que retornaram dos Estados Unidos no final dos anos 1990, esses comparavam as experiências que tiveram nos Estados Unidos com o que viam, com seus próprios olhos, no Brasil. Ao retornarem ao país, mais especificamente ao Rio de Janeiro, muitos comparavam o acesso e o respeito aos direitos, o respeito às leis, o tratamento dado à corrupção nos Estados Unidos com as situações vivenciadas no Brasil. Os retornados sentiam que no Brasil as leis não funcionavam, que os crimes de “colarinho branco” não eram punidos e que a violência urbana estava muito próxima — sempre conheciam alguém que tinha vivido uma situação de violência. Neste contexto, o retorno era marcado por um desencanto que, muitas vezes, levava a uma reemigração, num processo de ir e vir que a autora denominou migração *ioiô* (MARGOLIS, 1994, 2001). Conforme observado por Pereira e Siqueira (2013), além das motivações econômicas para o retorno, conhecidas e analisadas por vários autores, há motivações de outra natureza (familiares e de saudades da terra natal) para o retorno. As autoras destacam ainda outras motivações para a volta, tais como o retorno “*life-style*”<sup>7</sup>, o retorno planejado de estudantes e ainda o retorno antecipado por motivos familiares. Essas observações são importantes para compreendermos como um projeto migratório que envolvia a perspectiva de retorno altera sua expectativa temporal, conforme observado por Sales (1999) em relação aos brasileiros nos EUA, e se insere num projeto de

---

<sup>7</sup> “No retorno ‘*life-style*’ o tempo passado no estrangeiro é geralmente de curto ou médio prazo e é destinado a viver/experimentar o estilo de vida de outro país (...), mesmo nos casos em que a migração foi motivada por trabalho ou estudo. Habitualmente no retorno não há poupanças, nem investimento, e retoma-se a vida anterior”. (PEREIRA E SIQUEIRA, 2013, p. 129).



permanência ou de migração circular que se pode observar nas experiências dos brasileiros em Portugal.

O que nos ajuda a compreender essa questão são as trajetórias vivenciadas pelos emigrantes, que aqui apresentaremos, bem como a mudança no cenário econômico e político brasileiro. Na primeira década do século XXI, o Brasil vivia um período de crescimento econômico, estabilidade política e ampliação de direitos sociais que projetaram o país internacionalmente (CERVO e LESSA, 2014) e que atraiu muitos migrantes a retornarem, ainda mais diante de um cenário de crise na Europa. Esse contexto modificou-se drasticamente de 2014 para 2017: o país saiu de uma situação de pleno emprego para cerca de 12 milhões de desempregados, e experimentou uma grave crise política e econômica que levou ao *impeachment* de sua presidente eleita.

Nesse contexto adverso, muitos emigrantes que haviam retornado ao Brasil vivenciaram — além da crise econômica e política no Brasil — as dificuldades relacionadas ao retorno ao país, pois não se volta para o mesmo lugar, nem para as mesmas relações sociais. Dessa forma, muitos que pretendiam retornar adiaram os projetos de retorno, enquanto outros que haviam voltado reemigraram para a Europa.

O que vamos apresentar a seguir é como as decisões de partir, ficar ou retornar são tomadas pelos migrantes e como homens e mulheres negociam esse ir e vir. Em geral, nas famílias entrevistadas os homens desejavam voltar mais do que as mulheres, como veremos nos depoimentos a seguir:

Janaína<sup>8</sup>, que vive há 13 anos em Lisboa, relata como foi o retorno do marido ao Brasil em 2014:

Um cunhado prometeu sociedade num restaurante no Brasil para meu marido e eu. Eu trabalho aqui em restaurante desde que cheguei e sonhava em ter meu restaurante, queria levar o que aprendi aqui para lá. Ele foi na frente e eu fiquei, para vender tudo e esperar para ir com as crianças. Mas depois de alguns meses, vimos que não era o que haviam prometido, e o Brasil não havia melhorado, não teria lá a vida que tenho aqui. Falei com ele para voltar, eu não cheguei a ir e fizemos tudo de novo. Meu irmão também foi, ficou dois anos e agora retornou; também não deu certo lá.

---

<sup>8</sup> Janaína, nome fictício, emigrou em 2001, com 19 anos, para Lisboa em busca de oportunidades e também para fugir de um relacionamento no Brasil. O namorado foi atrás, tornou-se marido e ambos já têm duas filhas. Vive em Lisboa desde então, já tem documentação pelo trabalho e não pensa em retornar ao Brasil. Todos os entrevistados citados ao longo desse trabalho são referidos com nomes fictícios por um procedimento ético de garantir sua não identificação.

Da mesma forma, Larissa<sup>9</sup>, que vive há mais de 14 anos em Lisboa, com o marido e duas filhas, vivenciou a pressão familiar para retornar ao Brasil:

Quando nós viemos pela primeira vez, a decisão foi dele sozinho. Ele veio primeiro, e depois, com o apoio de meus pais, eu vim. Não foi fácil deixar tudo, mas ele era meu marido e tinha que salvar meu casamento. Agora ele queria voltar, todos na minha família pressionaram, o país está bem, tem emprego, Portugal estava em crise... Mas eu finquei o pé, disse que não iria. Eles insistiram e ele novamente se foi, mas eu disse — vá que eu fico aqui, veja como está lá. Ele foi, não conseguiu ficar, não arrumou trabalho, viu que as coisas estavam piorando e chegamos à conclusão que, mesmo com a crise aqui, era melhor ficar aqui do que voltar e começar tudo de novo no Brasil. Não foi fácil, mas agora minha família está vindo para cá.

Esses dois depoimentos se assemelham a outros depoimentos que ouvi de imigrantes com quem conversei em Lisboa, pois, embora Portugal tenha sofrido bastante com a crise econômica e todos tenham destacado as dificuldades e redução nos ganhos, também explicitaram outras razões para permanecer no país, ou emigrar para outro país da Europa, ao invés de retornar ao Brasil.

No caso das famílias entrevistadas, dentre esses fatores destacam-se: a sensação de segurança, o fato de ser um bom lugar para criar os filhos eo fato de com o salário que ganham poderem dar uma vida boa aos filhos, acesso à escola e à saúde, em contraste com a imagem de um país em crise e no qual os índices de violência só aumentam e são continuamente reforçados pelos noticiários brasileiros aos quais assistem pela TV a cabo em Lisboa. Essa sensação se acentuou com o agravamento da crise econômica e com a crise política. Assim, não apenas aqueles que migraram e retornaram ao país optam por reemigrar, como também as notícias de jornais brasileiros e portugueses indicam uma retomada no fluxo com novos migrantes chegando a Portugal.

É nesse contexto, elucidado por Padilla e Ortiz (2012), Siqueira (2009) e Nunam e Peixoto (2012), que foi desenvolvido o trabalho de uma investigação que busca analisar as trajetórias e as configurações das relações familiares, afetivas e de gênero na migração dos brasileiros e das brasileiras rumo à Europa. Os relatos daqueles que retornaram e daqueles que, a

---

<sup>9</sup> Larissa emigrou em 2002 com o marido. Naquela época, a decisão de migrar foi dele, fez tudo sozinho e depois ela veio ao seu encontro. Na época o casamento estava em crise e foi em Lisboa, segundo o relato dos dois, que conseguiram organizar a vida. Atualmente o casal tem três filhos — uma delas já casada, vivendo também em Lisboa — e não pensa em retornar.

despeito da crise econômica, permaneceram revelam como foi se configurando o ir e vir de brasileiros na Europa e apontam para processos de circularidade migratória.

### **III - GÊNERO E AFETOS ENTRE O BRASIL E EUROPA: A MUDANÇA NAS EXPECTATIVAS MIGRATÓRIAS**

Em 2014 e 2015 estive em Lisboa, Portugal, e na região do Vêneto, Itália, para compreender o direcionamento do fluxo rumo à Europa e a intensificação da presença brasileira em Portugal, que se converteu num dos principais destinos de migrantes brasileiros, enquanto a Itália continuava a receber migrantes, muitos deles descendentes dos imigrantes que chegaram ao Brasil o século XIX, os chamados ítalo-brasileiros. Assim, os brasileiros(as) se espalhavam pela Europa, ampliando os locais de destino da migração brasileira, como demonstram os dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE). Nesse período, realizei cerca de 20 entrevistas com emigrantes de diferentes origens regionais, provenientes de camadas médias e também de classes médias baixas e com baixo nível de escolaridade que, a despeito da crise econômica na Europa, intensificada a partir de 2009, permaneciam no continente.

No que se refere à migração para a Itália, o foco foi nos descendentes de imigrantes italianos, tanto trabalhadores migrantes, quanto estudantes. Em Portugal, as mulheres representavam, em 2003, 45% dos imigrantes brasileiros, segundo o SEF. As ocupações predominantes das mulheres imigrantes brasileiras são nas áreas do comércio, serviços e restauração, e a tendência é serem empregadas em trabalhos sem qualificação. Nesses trabalhos, com destaque para o ramo de estética e beleza, manicures, depiladoras, cabelereiras se utilizam do mesmo imaginário que muitas vezes é relacionado ao preconceito e à discriminação para conseguir estabelecer em um nicho no mercado de trabalho— a simpatia étnica (PADILLA 2007a, MACHADO, 2006, FERNANDES, 2015).

Nos depoimentos obtidos, era muito recorrente a fala de Portugal como um lugar de oportunidades, a despeito da crise. Mesmo diante de um cenário econômico mais favorável no Brasil, os(as) imigrantes entrevistados(as) alegavam preferir ficar na Europa, diziam ter “medo de voltar” e destacavam a sensação de liberdade e segurança que sentiam em Portugal, embora enfrentassem dificuldades e situações de preconceito.

Lembro-me da fala de Eliete<sup>10</sup>, migrante que estava desempregada havia dois anos, vivendo de trabalhos eventuais, mas que preferia ficar em Portugal a voltar para o Brasil:

Lá em eu não tenho perspectiva. Não estudei aqui, não tenho profissão para exercer lá, e aqui tenho mais oportunidades. Estou desempregada no momento, mas com o que juntei trabalhando consigo me manter e tenho uma reserva. Aqui me sinto mais segura, não tenho coragem de voltar agora.

Nesse contexto, o que começou a me intrigar é: como construíam e reconstruíam os projetos migratórios? Grande parte das mulheres entrevistadas vinham sozinhas e deixavam os(as) filhos(as) no Brasil, com a intenção de buscá-los(as) num segundo momento, ou ainda refaziam suas vidas afetivas no destino, casando-se com europeus.

Estou falando muito brevemente de mulheres jovens, que migraram acompanhando suas mães, e de mulheres com mais de 40 anos que migraram com seus maridos, ou recém-separadas que deixaram seus filhos. São esses e outros tipos de arranjos familiares que gostaria de compreender nessa pesquisa, ainda em andamento.

Gênero e afetos se cruzam nas trajetórias dessas mulheres. A história de Ana<sup>11</sup> é uma das que nos ajudam a pensar sobre como as mulheres brasileiras negociam as identidades de gênero no processo de migração. Ana tinha 41 anos em 2014, tendo conhecido Carlos em 1999, quando trabalhava numa empresa metalúrgica, numa cidade no interior de Minas Gerais, no Brasil.

Quando perguntada como veio para a Itália, assim respondeu: “Foi amor, foi por amor”. Em 1998 ela conheceu Carlos no seu trabalho, no Brasil. Ele não falava português, e ela não falava italiano. Eles começaram a namorar. Ele retornou para a Itália no início de 1999, depois voltou ao Brasil antes do prazo combinado, que seria no final do ano, pois, conforme relato dela, “não aguentou de saudades”. Ana viajou para a Itália em 1999, e não retornou ao Brasil. Casou-se primeiro na Itália, para regularizar sua situação; depois retornou e casou-se no Brasil. Conforme a narrativa de Ana: “É, outubro a gente casou e... aí aqui nos casamos no civil, e no Brasil, em janeiro, nós fizemos o religioso. No Brasil em janeiro... porque meu pai e ele... para ele era importante, né, aí nós fizemos no Brasil o religioso”.

---

<sup>10</sup> Eliete tinha na época 34 anos. Migrara para Lisboa no início dos anos 2005, e estava havia cinco anos vivendo em Portugal. Era solteira, frequentava a Igreja evangélica. No momento da entrevista, em julho de 2014, estava sem emprego, mas não pensava em retornar ao Brasil.

<sup>11</sup> A história de Ana está relatada no artigo de Zanini, Assis e Beneduzi (2015), e a retomo aqui pois se trata de um exemplo de casamento por amor. A entrevista foi realizada em 2014 por Assis e Zanini, e os nomes são fictícios para garantir a não identificação da entrevistada.

Ana relata que se adaptou rapidamente à nova vida, pois foi muito bem acolhida pela família do marido. Em sua narrativa, não aparecem tensões ou discriminação pelo fato de ser brasileira. Muito pelo contrário, diz que o fato de ser muito alegre e comunicativa a aproxima dos vizinhos da pequena cidade onde mora. Passou por dificuldades, pois morou um tempo na casa dos sogros antes de construir, junto com o marido, a casa própria do casal. Tem dois filhos que falam e leem o português, e ela aprendeu o italiano; cuida dos filhos e da casa e não trabalha fora.

A narrativa de Ana é interessante, pois no Brasil era uma mulher que tinha seus próprios rendimentos, trabalhava e estudava. Quando migrou, deixou o trabalho e a profissão, não concluiu o curso superior e hoje em dia não trabalha fora, pois considera que o que ganharia trabalhando fora não seria suficiente para pagar alguém para cuidar dos filhos. Sua narrativa é interessante, pois enquanto uma parcela dos relatos aponta para processos de autonomização com o processo migratório, para Ana significou um processo de maior dependência, embora isso não transpareça em seu relato, pois é sócia do marido em sua firma e tudo é decidido junto com ela, conforme seu relato. Ana não trabalha fora, cuida da família, marido e filhos, tem pouca inserção no espaço público, participa de atividades na escola dos filhos e encontra as amigas. Portanto, sua vida cotidiana está muito centrada no mundo doméstico/privado. Ana está casada há 15 anos e na sua narrativa se considera feliz com a imagem de boa esposa e mãe construída na relação com o marido e os filhos. Ao mesmo tempo, para atenuar essa autoimagem restrita ao âmbito doméstico, faz questão de dizer que tem uma faxineira para ajudá-la no serviço da casa e que, quando o marido tem que decidir sobre as coisas para comprar, as decisões do casal são compartilhadas. Para ajudar a “matar as saudades” que sentia do Brasil e da família, acabou trazendo a prima e ajudando-a a arrumar um namorado italiano também. A prima Giulia também se casou com um amigo em comum dos dois e acabou, igualmente, emigrando para a Itália numa rede migratória constituída a partir de afetos.

Ana e Giulia utilizaram dos atributos de mulher brasileira para construírem suas relações afetivas, mas pagam as marcas da sensualidade. Assim como algumas mulheres que entrevistei nos Estados Unidos, em 2001, às imagens de sensualidade agregam-se as representações de mulher carinhosa, de boa esposa e mãe, o que confere uma certa vantagem às mulheres no mercado matrimonial.

Nota-se aqui um contraste em relação aos homens brasileiros — que muitas vezes não são representados como bons parceiros, sendo vistos como machistas, autoritários, pouco dispostos a dividir tarefas domésticas, representando modelos de masculinidade pouco valorizados no contexto dos países de migração. Do ponto de vista das masculinidades, os

homens brasileiros no contexto da migração “perdem” suas posições de masculinidade hegemônica e têm que renegociar as relações de gênero — perdem poder.

Se o casamento pode ser uma forma de se distanciar dos estereótipos de gênero que discriminam as mulheres brasileiras, para as mulheres solteiras a negociação com esses marcadores implica também numa vigilância sobre o corpo, numa disciplina com relação a como se vestir e também em saber se comportar, conforme relata Carla. Neste contexto, o corpo é alvo de constantes policiamentos, uma vez que há muitas situações, especialmente para as descendentes, em que a “mulher brasileira” aparece como categoria dominante nas interações:

Porque, de repente, a gente que é brasileiro talvez...é... Te dou um exemplo, talvez seja mais fácil: quando tu vais em locais brasileiros, tu vês como os brasileiros se vestem e como os italianos se vestem. No período do inverno... de neve... as brasileiras geralmente vão com a barriga de fora, com uma sandália... com isso que aqui... jamais se vê esse tipo de coisa, e é normal que chame a atenção das pessoas... feito aposta, ou não... se uma faz justamente pra chamar a atenção ou não, eu não sei... mas é a mesma coisa, é... tu tem [sic?] que tentar te adequar, mas isso... adequar... de alguma maneira... Eu não falo nas pessoas muçulmanas, que de repente usam vestidos longos, tudo, porque faz parte de uma cultura dele [sic?]. Vestir dessa maneira, e eu acho que tirar esse tipo de cultura é... é uma coisa inútil... mas eu falo mais de nós, de aprender... a tentar se vestir um pouco mais decentemente, porque... a tendência de muitos brasileiros...E eu tenho visto... agora trabalhando em *shoppings* daqui pra... daqui, é... em Bassano, em Pádova, em Veneza... de pessoas que, que... se vestem... com... *microgona*, microssaia, não míni... porque é uma coisa... que tu vê [sic?]de cara, é... eu vejo de cara quem são os brasileiros... na maneira como se vestem, mas não é uma discriminação minha....

Carla é solteira, ítalo-brasileira e no seu relato se reporta às situações de preconceito e discriminação que podem ocorrer com as brasileiras. Ao destacar a importância de se vestir adequadamente, assim como fizeram Ana e Giulia, demonstra que na Europa —talvez de uma forma mais marcante que nos Estados Unidos, conforme observei num artigo anterior (ASSIS, 2011) — isto implicaria, nesse caso, em fugir das marcas de sexualização que funcionam como atributos das mulheres brasileiras.

Essa negociação e esse aprendizado sobre como se colocar na relação com os europeus evidenciam como os marcadores de gênero e sexualidade são renegociados pelas brasileiras. Cristiane, advogada, vive em Lisboa há mais de 15 anos e é casada com um indiano. Quando a entrevistamos, ela nos recebeu no escritório onde trabalhava falando com um leve sotaque de português de Portugal. Ao se referir ao imaginário sobre as brasileiras, disse:

Eu acho que, por exemplo, eu, mulher, eu me senti no início assim um pouco... como... eu preciso policiar as minhas atitudes aqui. Por quê? No Brasil, lá na minha região, todo mundo já tá acostumado com o afeto, chega e abraça mesmo, o carinho, isso é muito comum, entendeu? Aqui não. Aqui eles te estendem a mão pra te cumprimentar quando cê (você) já tá armada pra ir dar um abraço, por exemplo, assim, entendeu? Então, esse histórico da mulher brasileira aqui em Portugal, né, daquela época que algumas mulheres vieram para se prostituir<sup>12</sup>, e eu acho que isso é algo assim, não é muitíssimo marcado no imaginário do homem, do português. Mas ainda tem um resquiciozinho disso, entendeu? E assim, nosso jeito espontâneo, eu sou uma pessoa muito espontânea. Eu sou assim.

Marina tem 36 anos e mora há seis em Lisboa. Foi para Portugal para viver com a irmã, mas logo conheceu seu primeiro marido, um português com quem se casou e teve uma vida confortável:

Tinha de tudo. Não casei por amor, mas aprendi a gostar dele, pois me respeitava e dava tudo. Foi cômodo, ficamos juntos três anos[...] Perdi tudo isso quando me apaixonei por outro português, dez anos mais jovem [...] então aprendi a dividir tudo, passei a saber quanto custa as coisas, quanto custa pagar a renda e percebi que era capaz de me sustentar e as minhas filhas, é difícil...

A história de Marina apresenta uma narrativa distinta das anteriores. Nesse caso, o casamento significou uma vida mais estável e segura. Ela afirma que gostava do marido, mas não o amava, e quando conheceu um rapaz mais jovem, abandonou tudo para ficar com ele. É no segundo casamento, com um homem mais novo e com quem tem que dividir o aluguel e as contas, que se percebe capaz de gerir a própria vida, embora reconheça que é difícil dar conta desta tarefa.

O fato de as brasileiras se casarem com estrangeiros, nesse contexto, é utilizado por outros migrantes como uma forma de julgar moralmente as mulheres, pois são acusadas de casamento por interesse. Elas têm que enfrentar desconfiança dos familiares e a suspeita de que se casam para se legalizar. O que busco demonstrar é que as mulheres constroem relacionamentos em que afetos e interesses se cruzam em busca de uma vida mais estável e de relacionamentos mais respeitosos.

Por fim, e sem esgotar as experiências das mulheres migrantes, pois se trata de uma pesquisa qualitativa e pretendo dar continuidade a ela para caracterizar melhor essas mulheres,

---

<sup>12</sup>Cristiane e outras mulheres que entrevistei se referiram várias vezes à imagem criada por outras brasileiras, no que ficou conhecido como Mães de Bragança. Sobre o assunto ver Pontes (2004).

seus relacionamentos afetivos e familiares e como foram construindo seus projetos de permanência na Europa, apesar da crise, e ainda compreender as tensões entre os processos de agência e de subjugação/exploração de suas estratégias de inserção na sociedade de imigração e, nesse cenário, compreender melhor as mulheres que se casam com homens mais velhos, em casamentos que não tem as marcas do amor romântico, mas que evocam a busca por segurança e respeito.

#### IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Todos os dias é um vaievem  
A vida se repete na estação  
Tem gente que chega pra ficar  
Tem gente que vai pra nunca mais  
Tem gente que vem e quer voltar  
Tem gente que vai e quer ficar  
Tem gente que veio só olhar  
Tem gente a sorrir e a chorar  
E assim, chegar e partir*

*(Encontros e Despedidas – Fernando Brant / Milton Nascimento)*

A emigração de brasileiros para o exterior tem colocado questões significativas para pensarmos o Brasil contemporâneo. Nesse ir e vir, homens e mulheres construíram sonhos e projetos migratórios e foram modificando-os ao longo do tempo. Simultaneamente, os brasileiros foram se espalhando por vários países, e na Europa Portugal se tornou um dos destinos preferenciais, pela facilidade linguística e por uma política migratória que possibilita a regularização, a partir de acordos bilaterais que favoreceram a documentação de brasileiros.

Os migrantes dos anos 1960 e mais significativamente dos anos 1980 e 1990 falavam de projetos migratórios nos quais o retorno estava sempre presente, fazendo parte do projeto. Como observado por Sayad, é a condição da migração ter um projeto de retorno. No entanto, ao longo desse processo mudaram as expectativas temporais e mudaram também os migrantes. Nesse movimento, as mulheres passaram a fazer parte cada vez mais significativa, acionando redes migratórias, trazendo irmãos, se juntando aos maridos ou migrando sozinhas. Muitas reconstróem suas vidas após casamentos ou namoros desfeitos, e outras buscam o amor ou o



casamento. As mulheres se inserem nesse fluxo e ao constituírem suas famílias ou se estabelecerem modificam os projetos migratórios, e a permanência se estende.

A possibilidade de regularização da condição migratória, e a partir dela poder circular pela Europa, levou muitos brasileiros a Portugal, assim como levou muitos a solicitarem a cidadania italiana. Esses movimentos em busca de papéis que permitem circular livremente marcam as vidas, e o ir e vir dos brasileiros e brasileiras, que através de trabalho, do casamento ou da cidadania vão construindo estratégias para permanecer na Europa. Esses projetos foram modificados com a crise na Europa, principalmente a partir de 2008, e muitos retornaram ao Brasil. No entanto, a dificuldade de adaptação na terra natal, o fato de se sentirem estrangeiros em sua própria terra, estranharem as leis, a corrupção, a violência urbana, as dificuldades para se reinserir no mercado de trabalho, e principalmente, de se reinserir nas relações sociais levam e levaram a uma nova migração.

Nesse contexto, as mulheres — mais do que os homens — não desejavam retornar. Muitas permaneceram para que seus maridos tentassem a vida no Brasil e, não dando certo, voltassem a Portugal. Elas permaneceram, não quiseram voltar, pois consideram, a despeito da crise e das dificuldades, que têm mais oportunidades na Europa. É interessante observar que, se no início dos anos 2000 as imigrantes brasileiras enfrentavam o preconceito e a discriminação associada com a ideia do tráfico de pessoas e com o mercado do sexo, nessa segunda década, embora ainda enfrentem o preconceito, elas parecem negociar suas identidades acionando a simpatia étnica para conseguir seu lugar no mercado de trabalho, mas também para se firmar como “boa mãe e esposa”. Essas noções têm sido problematizadas por Fernandes (2015), mas a retomo aqui para pensarmos que falamos de muitas mulheres situadas em diferentes contextos de experiências migratórias e que enfrentam o preconceito e a discriminação contra a mulher brasileira procurando driblar esses constrangimentos, quer mudando a forma de vestir, quer jogando com o sotaque, quer reafirmando a simpatia étnica e o ser brasileira em certos contextos.

Esses dados são de natureza qualitativa e de uma pesquisa em andamento, mas sugerem que chegar e partir passaram a fazer parte do horizonte de expectativas daquelas famílias que se inseriram nos projetos migratórios. Projeto que se modifica com o passar do tempo e que nesse contexto de crise econômica e política no Brasil e de um desencantamento com o país parece apontar para projetos de mais de longa duração no estrangeiro. São considerações preliminares, mas que indicam a agência das mulheres no momento de decidir permanecer e na escolha de onde querem criar seus filhos e viver com mais qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Gláucia de O. (1999). Estar aqui...Estar lá: uma cartografia da emigração valadarensense para os Estados Unidos. In: REIS, R. R. e SALES, T. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, Boitempo.
- \_\_\_\_\_ (2011). *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis, Editora Mulheres.
- BÓGUS, Lúcia. (2007). "Esperança Além-mar: Portugal no arquipélago migratório brasileiro". In: MALHEIROS, J. *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, Presidência do Conselho Ministros.
- BÓGUS, L. e BASSANEZI, M. S. B. (1998). "Do Brasil para a Europa – Imigrantes Brasileiros na Península Itálica neste final de Século". In: *O Fenômeno Migratório no Limiar do 3º Milênio*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, pp. 68-92.
- CASTLES, Stephen. (2005). *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Trad. Frederico Ágoas. Lisboa, Fim de Século.
- CAMPOS, Emerson (2003). *Territórios deslizantes: miscelâneas e exposições na cidade contemporânea Criciúma (1980-2002)*. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-graduação em História - UFSC, Florianópolis.
- CAVALCANTI, Leonardo. "Imigrantes", "Imigrados", "Estrangeiros"... e a fabricação do "outro" imaginário: a presença brasileira no contexto da imigração na Espanha-10.5102/uri. v3i2. 282. *Universitas: Relações Internacionais*, 2007, 3.2.
- CERVO, Amado Luiz; LESSA, Antônio Carlos. The fall: the international insertion of Brazil (2011-2014). *Revista Brasileira de Política Internacional*, 2014, 57.2: 133-151.
- COSTA, Albertina; LIMA, Valentina; MARZOLA, Norma; MORAES, Maria. (1980). *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- FELDMAN-BIANCO, Bela (2002). Entre a fortaleza da Europa e os laços afetivos da irmandade luso-brasileira: um drama familiar em um só ato. In: BASTOS, Cristina; DE ALMEIDA, Miguel; FELDMAN-BIANCO, Bela (Eds.). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros* (Vol. 25). Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, p. 385-415.
- FERNANDES, Gleiciani Maria de Oliveira (2008). *Viver Além-Mar: Estrutura e Experiência de Brasileiras Imigrantes na Região Metropolitana de Lisboa*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- FRANGELLA, Simone. (2013). O tênue equilíbrio no movimento: a vicinalidade na migração transnacional. *Revista de Antropologia*, 57, pp. 73-106.
- FERNANDES, Gleiciani. (2015). As boas mães brasileiras em Portugal: (re)formulando pertencimentos, (re)construindo identidades. In: SILVA, Isabel Corrêa da; FRANGELLA, Simone; ABOIM, Sofia; VIEGAS, Susana de Matos (coordenadoras). *Ciências sociais cruzadas entre Portugal e o Brasil. Trajectos e investigações no ICS*, Lisboa, Universidade de Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, p. 249-266.
- MACHADO, José Igor (2006). Imigração em Portugal. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo 20 (57), p. 119-135.

MARGOLIS, Maxine. (1994). *Little Brazil: an ethnography of brazilian immigrants in New York City*. Princeton University Press.

\_\_\_\_\_. (2001). With new eyes: returned international immigrants in Rio de Janeiro. In: TORRES, Sonia (Org). *Raízes e Rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*. Rio de Janeiro, p. 239-244.

\_\_\_\_\_. (2013). *Goodbye, Brazil: emigrés from the land of soccer and samba*. University of Wisconsin Pres.

MARTES, Ana Cristina. (2000). *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_. (2011). *New Immigrants, new land: a study Brazilian in Massachusetts*. Translated by Beth Ransdell Vinkler. Foreword by Maxime Margolis, Gainesville, University Press of Florida.

MARTINE, George. (2005). A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 3, Sept, p. 3-22.

NUNAN, Carolina; PEIXOTO, João. (2012). Crise econômica e retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XX, Nº 38, p. 233-250, jan./jun.

PADILLA, Beatriz. (2007a). A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: Malheiros, J. M (Org.). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), p. 113-135.

PADILLA, Beatriz. (2007b). Acordos bilaterais e Legalização: O impacto na integração dos imigrantes brasileiros em Portugal. In: Malheiros, J. M (Org.). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), p. 217-226.

PADILLA, Beatriz; ORTIZ, Alejandra. (2012) Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanço e desafios. *REMHU*, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 20, n. 39, p. 159-184..

PATARRA, Neide; FERNANDES, Duval. (2011). Brasil: país de imigração. *Revista Internacional em Língua Portuguesa—Migrações*, 3(24), 65-96.

PATARRA, Neide. (2005). Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em perspectiva*, 19(3), 23-33.

PEIXOTO, João; FIGUEIREDO, Alexandra (2007). *Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal*. *Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIME/Observatório da Imigração, p. 87-111.

PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. (2013). Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. *REMHU*, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 21(41), 117-138.

PONTES, Luciana (2004). As Mulheres Brasileiras na Mídia Portuguesa. *Cadernos Pagu* (23), julho-dezembro, p.229-256.

ROSALEN, Eloisa. (2015). Das muitas memórias dos exílios: uma leitura analítica dos livros memórias do exílio e memórias das mulheres do exílio. In: Simpósio Nacional de História, 18. Florianópolis. Anais Florianópolis: ANPUH, 27-31 out. 15 p.

SALES, Teresa. (1999a) "Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston". In: REIS, Rossana; SALES, Teresa (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo. p. 17-44.

SALES, Teresa. (1999b). *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez.

SAYAD, Abdelmalek. (2000). "O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante". *Travessia*. Vol XVIII, número especial, janeiro de 2000. 36 p.

SIQUEIRA, Sueli. (2009) *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argvmentvm,. 188 p.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; ASSIS, Gláucia de Oliveira; BENEDUZI, Luis Fernando. (2015). Cidadãos de direito, estrangeiros de fato: narrativas de ítalo-brasileiros(as) na Itália. *História Oral*, 18.1: 117-145.

### **Gláucia de Oliveira Assis**

Coordenadora do Observatório das Migrações de Santa Catarina, professora do Programa de pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (PPGPLAN) e do Programa de pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).